

Manuel António Pina:

uma voz, muitas vozes

Mariane Tavares

* Unicamp / tavaresmariane_@outlook.com

Resumo:

Diante do desafio de escrever depois de tantos outros escritores, o poeta Manuel António Pina constantemente faz a pergunta “com que palavras e sem que palavras” e soluciona este impasse tomando para si aquilo que já foi dito. Pina, ao longo de sua obra, estabelece diálogo com muitas vozes, dentre elas Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa). Este, por sua vez, estabelece diálogo com Jesus, formando um encadeamento de sentidos. O objetivo aqui é verificar como cada um à sua maneira apresenta uma nova leitura do texto bíblico, e apontar as semelhanças e diferenças entre elas.

Palavras-Chave: intertextualidade; Alberto Caeiro; Jesus; infância.

* Pesquisadora independente, Doutora em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp. São Paulo, Brasil.

“As palavras fazem
sentido (o tempo que levei até descobrir isto!)
um sentido justo,
feito de mais palavras”
— Manuel António Pina

1. “Como saberei o que fazer com tantas palavras”¹

A primeira vez que tive contato com a poesia de Manuel António Pina foi em um curso oferecido em 2013, pelo poeta brasileiro Tarso de Melo, na Casa das Rosas em São Paulo. Lembro-me que estava na graduação em Letras e, apaixonada por poesia, nunca ouvira falar em Pina, embora tivesse a *sensação de conhecer suas palavras*. Durante o curso, Melo explicou que a quase² ausência de Pina no Brasil se dava porque as editoras brasileiras não tinham projetos de divulgação da poesia portuguesa, sobretudo a contemporânea, e aquele curso funcionava como uma homenagem póstuma – uma vez que o poeta falecera em 2012 – e, também, como uma tentativa de torná-lo conhecido no Brasil.

Depois daqueles dias de curso e de grande *epifania*, procurei saber mais sobre o poeta. As livrarias tinham dificuldade em importar seus livros, pois o custo era muito alto e aparentemente não havia leitores. Somente após dois anos, quando um amigo foi a Portugal, ao indagar-me sobre qual presente gostaria de ganhar, havia apenas uma resposta *Todas as Palavras* e foi assim que tive acesso a toda a poesia de Pina.

Felizmente, nos últimos anos, essa realidade tem mudado, pois em 2018, na mesma Casa das Rosas, o poeta Leonardo Gandolfi lançou junto à Editora 34 a antologia *O coração pronto para o roubo*. E, em 2020, publicou uma análise

¹“Como quem liberto de” (Pina, 2012, p. 248).

² Alguns poemas de Manuel António Pina foram publicados na revista *Inimigo Rumor*, entre os volumes 11-16, nas edições luso-brasileiras de poetas contemporâneos. Em 2003, ele também foi publicado pela revista *Cacto*.

sobre a poesia de *Manuel António Pina*, na coleção “Ciranda da Poesia” da Eduerj. Muitos pesquisadores brasileiros também têm defendido teses e dissertações sobre o poeta.

Inicio contando essa história porque tanto a sensação de conhecer a poesia de Pina quanto a epifania por descobrir algo novo fazem parte da magistral escrita do poeta. Pina insistentemente perguntava “com que palavras e sem que palavras?”³ e diante da necessidade de escrever, encarava o desafio: “(...) Oh, juntar os pedaços de todos os livros / e desimaginar o mundo, descreia-lo”⁴. É possível que essa sensação de o conhecer advenha justamente de algumas leituras que compartilhamos. Pina, mais que poeta, é leitor. Ou porque é leitor, é poeta. E porque é poeta sabe lidar com a materialidade da palavra a ponto de torná-la nova, daí a origem de minha epifania.

Em um primeiro momento, a poesia de Pina pode parecer simples, quase inocente, como se o sujeito, semelhante a uma criança, contemplasse o mundo e aos poucos o descobrisse. A partir de seu amadurecimento, esse sujeito inicia suas reflexões sobre si, sobre o mundo – que é linguagem – e seus limites. Nesse processo, o poeta cria jogos lúdicos e simbólicos, brincando com os sons e os significados, como é perceptível no poema “O que me vale” que diz “O que me vale aos fins de semana / é o teu amor provinciano e bom / para ele compro bombons / para ele compro bananas / para teu amor teu amon / tu tankamon meu amor / para o teu amor tu te flamas / tu te frutti tu te inflammas / oh o teu amor não tem com / plicações viva aragon / morram as repartições” (Pina, 2012, p. 46). Além disso, o poeta explora as possibilidades da linguagem, questionando a relação entre as palavras e as coisas e criando outras realidades.

Segundo Arnaldo Saraiva (2012), o principal meio pelo qual Pina desenvolve suas estratégias e identidade enquanto poeta é a intertextualidade, porque sua poesia é permeada de “vozes”. De acordo com o crítico literário, Pina,

³ Poema “Ludwig W. em 1951”, p. 232. PINA, Manuel António. *Todas as palavras: poesia reunida (1974-2011)*. Lisboa: Assírio Alvim, 2012.

⁴ “A ferida” (Pina, 2012, p.307).

assim como Pound e T. S. Eliot⁵, conscientemente foi “colando” textos alheios e atribuindo-lhes outros sentidos, sua “prática da intertextualidade parece aliar-se não só a teoria da saturação livresca e literária mas também a uma teoria do mundo ou da vida como livro, literatura, representação ou leitura” (Saraiva, 2012, p. 212). Acerca disso, o próprio Pina afirma em um poema “(...) Chamo-lhe Literatura porque não sei o nome de isto;) / o escritor é uma sombra de uma sombra / o que fala põe-o fora de si / e de tudo o que não existe”⁶.

Rita Basílio (2013, p. 68) reforça a importância da intertextualidade em Pina, esclarecendo que esta é mais que uma técnica literária ou uma forma do poeta apresentar sua erudição e repertório cultural. Uma vez que a própria literatura é um dos temas sobre os quais o poeta reflete, a intertextualidade torna-se uma característica fundamental, um dos pilares de sua obra. Basílio ainda reitera que mesmo que Pina diga, desde o primeiro livro, que não há nada de novo a ser dito, o poeta elabora um discurso consistente e enriquecedor com base nas suas leituras. Seu universo literário é sustentado pela intertextualidade porque esta é sua maneira de escapar do dilema posto no verso: “(...) Já não é possível dizer mais nada / mas também não é possível ficar calado”⁷. Sendo assim, aquilo que no início me fez ter a impressão de já conhecer a poesia de Pina era a intertextualidade e é por ela que adentro em sua obra.

2. Pina, Caetano e Jesus

Na entrevista “À poesia pouco mais é dado dizer do que o silêncio do mundo”, dada a Américo António Lindeza Diogo e Osvaldo Manuel Silvestre, Pina responde a respeito de Fernando Pessoa:

⁵ Em um de seus ensaios, Eliot diz: “Poetas imaturos imitam; poetas maduros roubam; maus poetas desfiguram o que pegam, e bons poetas transformam isso em algo melhor, ou pelo menos em algo diferente. O bom poeta funde seu roubo a um todo de sentimento que é único, totalmente diferente daquele do qual foi arrancado; o mau poeta a joga em algo que não tem coesão. Um bom poeta geralmente toma emprestado de autores remotos no tempo, ou estranhos em linguagem, ou diversos em interesse.” (1920, p. 114, tradução minha)

⁶ “Transforma-se a coisa estrita no escritor” (Pina, 2012, p. 71).

⁷ “Já não é possível” (Pina, 2012, p. 12).

Acho eu que só por inacreditável infelicidade é que algum poeta português posterior não terá sido – por acção ou por omissão, por aceitação ou por denegação, mais ansiosamente ou menos ansiosamente – influenciado por Pessoa. A mim, marcou-me profundamente, sobretudo na juventude. Aos 16 anos ganhei, num concurso literário do Liceu de Aveiro, as suas obras editadas pela Ática. “Apanhei” então alguma daquela poesia, principalmente a de Alberto Caeiro e a do ortônimo, como se “apanha” uma doença. Cheguei a escrever um volume (um “falso verdadeiro”, dir-se-ia hoje) de *Novos Poemas de Alberto Caeiro*. (Dias Sousa, 2016, p. 15)

Dado que o próprio poeta admita alguma influência de Fernando Pessoa em sua obra, não é à toa que Diogo (1997) e Gomes (2006) reconheçam em Pina procedimentos semelhantes aos de Caeiro, a saber, a intertextualidade com o texto bíblico, as imagens da natureza, a desarticulação linguística e um exercício preciso que trabalha a relação de não arbitrariedade do signo. Ademais, em ambos há associações inteligentes e irônicas que causam certo efeito de humor. No poema VIII⁸ de *O guardador de rebanhos*, Caeiro subverte a ideia religiosa que se tem de Jesus Cristo e no conto “O menino Jesus que não quer ser Deus”⁹ Pina dialoga com Caeiro.

Berardinelli (1985, p. 263) afirma, a respeito do poema VIII de Caeiro, que há uma blasfêmia infantil e um antiespiritualismo absoluto, que nem o próprio Pessoa o faria, e Segolin (1989, p. 252) diz que dentre os heterônimos de Pessoa “Caeiro é aquele que assume de maneira mais marcante e radical a contestação do mito e do poder representativo da linguagem”, é por isso que seu Jesus não quer ser Deus e articula meios de escapar da cruz e do céu para viver consigo.

O poema inicia dizendo “Num meio-dia de fim de primavera / Tive um sonho como uma fotografia / Vi Jesus Cristo descer à terra. / Veio pela encosta de um monte / Tornado outra vez menino”¹⁰, com esse anúncio, Caeiro apresenta

⁸ Publicado pela primeira vez na revista “Presença”, em 1931.

⁹ PINA, Manuel António. *O país de pessoas de pernas para o ar*. Lisboa: A regra do jogo Edições, 1978.

¹⁰ PESSOA, Fernando. *Poesia Completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp 28-33. Todas as vezes que versos deste poema são citados, são referentes à essa edição.

ao leitor onde se passa a história que ele vai contar, como ela acontece e quem é o personagem principal. O “meio-dia de fim de primavera” mostra tanto a relação do poeta com a natureza quanto o florescer de uma nova vida, a vida de um Cristo que é menino e que não carrega o peso de ser Deus e de salvar o mundo porque criou para si outra oportunidade.

Chama a atenção, no segundo verso, a comparação entre sonho e fotografia, pois aquele pertence ao onírico e esta pertence ao real. Enquanto no sonho realiza-se os desejos que são socialmente proibidos, no registro fotográfico há a sensação de irreversibilidade das coisas. É, portanto, no poema, que sonho e realidade fazem parte do mesmo plano. Nesse sentido, pode-se dizer que o esforço de Caeiro se concentra em um duplo movimento: o de dessacralizar o texto bíblico e sacralizar o texto literário.

Na sequência do poema, Jesus está “A correr e a rolar-se pela erva / e a arrancar flores para as deitar fora / E a rir de modo a ouvir-se de longe. // Tinha fugido do céu. / Era nosso de mais para fingir / De segunda pessoa da trindade.” (Pessoa, 2005, p. 28) nessa figura o poeta destaca as características humanas, de criança que brinca e que é feliz por fazer travessuras, criança que é inocente e que finalmente – por não estar mais diante do paradigma de ser Deus e homem – pode viver plenamente sua infância. É curioso como Caeiro humaniza Jesus por meio do “erro” e sobretudo por dar ao leitor aquilo que a Bíblia nega, a saber, as informações sobre sua vida pueril.

A Bíblia cita o momento de seu nascimento em Belém, a fuga ao Egito e depois o apresenta junto aos doutores da lei no templo, aos doze anos. Há uma lacuna sobre sua infância e juventude, uma vez que depois dos doze anos os demais episódios são aqueles nos quais Jesus inicia seu ministério a partir dos trinta anos. O Jesus de Caeiro viveu toda a história bíblica e se recusa a permanecer nela porque quer ser livre, sendo assim, o poeta subverte sua imagem. Isso é verificável no evangelho de Marcos 16, no qual Jesus é elevado ao céu por cumprir sua missão: sacrificar-se pela humanidade, morrer na cruz e ressuscitar para estar à direita de Deus. Esse mito é desconstruído no poema, pois Jesus foge do céu porque prefere viver na terra. O motivo pelo qual Jesus

toma essa decisão, não é somente a libertação, mas a denúncia de que “No céu era tudo falso, tudo em desacordo / Com flores e árvores e pedras.”, ele não quer morrer constantemente na cruz para sustentar uma fé “No céu tinha que estar sempre sério / E de vez em quando se tornar outra vez homem / E subir para cruz, e estar sempre a morrer.” (Pessoa, 2005, p. 28)

Se o Jesus de Caeiro decide viver outra vida, após cumprir tudo que está escrito na Bíblia, o Jesus de Pina não perde tempo e em sua vida terrena, antes da cruz, esforça-se para ser plenamente humano, usando o divino para conseguir o que deseja. No início do conto de Pina, ao contrário de Caeiro, o narrador apresenta um Jesus obediente, que não foge à escola e desperta pena nas outras crianças

“O menino Jesus não fugia à escola. Os outros meninos juntavam-se para fazer maldades, o menino Jesus ficava sempre de fora. Os meninos tinham pena dele, mas tinha que ser assim: ele era Deus, e Deus não pode fazer determinadas coisas. Por isso, o menino Jesus não ia para o rio roubar fruta, nem dizia coisas indecentes. Nem sequer podia jogar à bola com os outros, porque fazia sempre milagres.” (Pina, 1978, p.22)

Enquanto o Jesus de Caeiro “Rouba a fruta dos pomares / E foge a chorar e a gritar dos cães. / E, porque sabe que elas não gostam / E que toda gente acha graça, / Corre atrás das raparigas / Que vão em ranchos pelas estradas / Com as bilhas às cabeças / E levanta-lhes as saias” (Pessoa, 2005, p. 29), o Jesus de Pina não rouba frutas e não faz coisas indecentes, como levantar as saias das raparigas. Diferente do que se poderia pensar, o fato de Jesus poder fazer milagres não desperta a inveja alheia, porque as coisas que os humanos podem fazer são mais divertidas. Nesse ponto, há uma convergência entre os dois Jesus (de Caeiro e Pina), pois, embora sigam caminhos diferentes, ambos valorizam o humano.

Para deixar de ser Deus, primeiro o Jesus de Pina conversa com José, mas este afirma não poder fazer nada e o manda conversar com Maria. Ele vai falar com a mãe, mas Maria diz que não há nada a ser feito, em seguida

repreende o menino, mandando-lhe estudar as escrituras. É a partir desse momento que Jesus, como humano, passa a desobedecer. Sua tristeza o impede de estudar e por pouco o milagre que acontece em Lc. 2:41-52¹¹ não ocorre. Toda essa situação deixa Maria muito irritada, então ela ameaça Jesus mencionando a “pomba”, que funciona como metáfora para o Espírito Santo. Nesse momento Jesus e José dão risada de Maria; o primeiro porque é Deus e sabe de tudo, sabe que pombas não fazem mal algum; o segundo porque crê que Maria é maluca, ao passo que ela responde: “- Não tens nada com isso. Ainda se o menino fosse teu filho, mas não. Falas só para questionares, és mau. Daqui a pouco comesças para aí a dizer porcarias.” (Pina, 1978, p. 24-25).

A menção irônica a personagens como José, Maria e o Espírito Santo está presente tanto em Pina quanto em Caeiro. Através da voz de Maria, o narrador no texto de Pina diz que José não é o pai de Jesus; e através da voz de José diz que Maria é maluca, tecendo suas críticas com um estilo nonsense. Caeiro também critica Maria ao dizer “E a sua mãe não tinha amado antes de o ter. / Não era mulher: era uma mala / Em que ele tinha vindo do céu”. Já, a respeito de José e do Espírito Santo, Caeiro afirma: “Nem sequer o deixavam ter pai e mãe / Como as outras crianças. / O seu pai era duas pessoas – / Um velho chamado José, que era carpinteiro, / E que não era pai dele; / E o outro pai era uma pomba estúpida, / A única pomba feia do mundo / Porque não era do mundo nem era pomba.” (Pessoa, 2005, p. 28-29)

Em Pina, além de Maria, os vizinhos também caçoam de José por ele não ser o pai de Jesus. Todavia, José é um homem bom, por isso Jesus permanece fazendo milagres por ele. De repente, entre os vizinhos de Jesus surge o ápice da intertextualidade entre Caeiro e Pina, pois um desses vizinhos se chama justamente: Alberto Caeiro. Não obstante, é de Alberto Caeiro que Jesus sente inveja.

¹¹ Nesse texto, Maria, José e Jesus vão à Jerusalém celebrar a Páscoa. Ao retornarem para casa, em Nazaré, na Galileia, Jesus permanece no templo e se perde da família. Quando Maria e José se dão conta do que aconteceu, retornam à Jerusalém e veem Jesus fazendo perguntas e ensinando os doutores da lei, isso deixa a multidão perplexa com sua sabedoria.

“Um dos vizinhos tinha um filho muito mau chamado Alberto Caeiro, que nunca ia à escola, que se metia com as raparigas. O menino Jesus tinha muita inveja dele porque ele sabia nadar como ninguém e era dono duma caverna ao pé do rio. (...) O que o menino Jesus mais queria era ser um rapaz como ele. Mas a mãe queria que ele fosse Deus e o Deus que estava no céu também queria que ele fosse Deus, porque alguém tinha que viver aquela vida que estava escrita nos livros, uma vida pequenina (só durava 33 anos) e ainda por cima que acabava mal” (Pina, 1978, p. 26)

O encontro entre Jesus e Alberto Caeiro afeta Jesus por inteiro. O menino obediente que inicia a narrativa, passa a querer ser como Caeiro: mau, faltante à escola, que provoca raparigas e que sobretudo é livre, porque nada no rio e é dono do seu próprio espaço. Também não é descartável a leitura que coloca Jesus querendo ser como Caeiro, o poeta, pois este foi capaz de libertá-lo pela palavra no poema; ou, ainda, a leitura de Pina como Jesus, um poeta que quer ser como Caeiro.

Seja como for, é a partir desse momento que Jesus tenta subornar Caeiro oferecendo-lhe a divindade em troca da humanidade, mas Caeiro não aceita, e então Jesus o ameaça “- Ou trocas comigo ou transformo-te num porco” (Pina, 1978, p.30). Mesmo que a ameaça beire algo de inocente, uma vez que Jesus é criança no conto e o conto é destinado às crianças, gradativamente ele vai se corrompendo e deixando florescer seu lado humano sem se dar conta. Caeiro fica aterrorizado e cede:

O outro estava muito aflito. Ofereceu-lhe a caverna, ofereceu-lhe tudo. Mas o menino Jesus não quis.

- E depois eu, também posso fazer milagres?

- Sim, disse o menino Jesus.

- Então obrigo-te a destruir outra vez comigo.

E quando disse isto julgou que tinha vencido o menino Jesus.

Mas o menino Jesus disse:

- Agora ainda sou Deus. E posso fazer um milagre. Esse milagre é que tu não possas nunca obrigar-me a destruir.

- Está bem, disse o outro.

Foram sozinhos para a floresta e lá fizeram a troca. O menino Jesus ficou o outro, e o outro ficou menino Jesus. E vieram por aí fora a conversar os dois. (Pina, 1978, p. 31-32)

Por um breve período o menino Jesus abusa do seu poder de fazer milagres. Antes ele os fazia para o bem dos outros, agora ele os faz para o seu próprio bem. Como consequência disso, e devido à sua inevitável condição de filho de Deus, a troca não foi bem-sucedida, pois de tão perfeita tudo permaneceu igual. Além disso, o Deus pai, através de uma pomba, estava presente no momento da troca e supersticiosamente fez figas para prevenir o mal agouro, isto é, prevenir que seu plano fosse frustrado pelo seu próprio filho.

O milagre e a corruptibilidade do ser humano também são motivos no poema VIII de *O guardador de rebanhos*, mas o Jesus de Caeiro, ao contrário do Jesus de Pina, consegue enganar a trindade e se libertar, dado que “Um dia que Deus estava a dormir / E o Espírito Santo andava a voar, / Ele foi à caixa dos milagres e roubou três. / Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido. / Com o segundo criou-se eternamente humano e menino. / Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz / E deixou-o pregado na cruz que há no céu / E serve de modelo às outras.” (Pessoa, 2005, p. 29). É curioso como tanto no poema de Caeiro quanto no conto de Pina acontecem três milagres, pois na tradição cristã o número três, além de representar a trindade, significa equilíbrio e para que uma pessoa seja santificada são necessários três milagres confirmados pela comunidade local.

Ainda que haja referências aos dogmas cristãos na obra de Caeiro e Pina, ambos não acreditam na existência de Deus. Pina inclusive diz que é leitor ávido da Bíblia, mas a lê como romance e complementa “Não preciso de acreditar na existência de um Deus para reconhecer que a ideia de Deus é bela e, continuando ateu, dar-me perfeitamente bem com essa ideia.” (Pina, 2013, p. 578). Caeiro e Pina rejeitam a ideia cristã de Deus, isto é, a ideia religiosa que o limita, por isso ambos ressignificam sua história. De acordo com Ferreira, “Caeiro poderia, se o quisesse, encontrar Deus nas coisas da natureza e então não o chamaria de Deus, chamá-lo-ia simplesmente de flores e árvores e montes de sol e luar”. (1989, p. 34-35).

Aos dois poetas, a ideia de que Jesus é uma criança de riso alegre e natural, que vive de forma comum, espontânea, travessa e astuta é muito mais

reveladora do que a mensagem pregada pelas igrejas. Portanto, os dois poetas têm muito mais a dizer sobre Jesus do que os religiosos, porque o Jesus deles não é abstrato e inacessível, ele toca e sente o mesmo que o humano, tornando-se verdadeiramente a imagem e semelhança de Deus. Na literatura, “viver” no plano imanente é tão sagrado quanto no transcendente.

Na poesia portuguesa moderna e contemporânea, o cristianismo é “em muitos poemas um facto cultural, sociológico; não um assunto íntimo e grave, mas uma linguagem, uma memória de infância, um aspecto folclórico, um ritual laicizado, ou então uma referência pictórica, arquitetónica, musical” (Mendonça e Mexia, 2014, p. 10-11), a partir dessa perspectiva, destaca-se justamente o apontamento de que qualquer elemento que tenha relação com a fé ou com o texto bíblico é memória de infância.

É o olhar dos poetas à criança e a sua convivência com ela, no poema, que faz com que eles adquiram um novo olhar sobre a vida, um olhar igual ao dela, que está sempre a descobrir algo novo. Caeiro diz na quinta estrofe do poema que foi o menino Jesus quem lhe ensinou tudo, principalmente a olhar “A mim ensinou-me tudo. / Ensinou-me a olhar para as cousas” (Pessoa, 2005, p. 29). Então ele aponta às flores, às pedras e as olha devagar porque “O olhar é referência, mais do que isso, é um estado de ser, um estado de permanência. Para o olhar da criança não importa o significado, o que importa é a imagem porque esta é a que fica na memória” (Ramos, 2004, p.30). É nesse sentido que Pina volta sempre ao passado e àqueles que vieram antes de si para escrever o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, Rita (2013), *Uma Nova Pedagogia do Literário em Todas as Palavras de Manuel António Pina* (Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) – Universidade Nova de Lisboa, Dezembro.

- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de Literatura Portuguesa*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- DIOGO, A. A. L (1997). *Modernismo, Readymade*. Notícias das Trincheiras. Braga - Pontevedra: Cadernos do Povo.
- ELIOT, T.S (1920). *The Sacred Wood: Essays On Poetry and Criticism*. Londres: Philip Massinger, Methuen & Company Ltd.
- FERREIRA, L. G (1989). *A anti-poesia de Alberto Caeiro: uma leitura de O Guardador de Rebanhos*. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano.
- GANDOLFI, L. (2020). *Manuel António Pina*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- GOMES, J. A. (2006). “Caeiro e Nobre contados às crianças? Literatura “destinada” à infância e não só” in GOMES, J. A. (2006). *Avanços, recuos. Leituras de prosa e poesia em português*. Porto: Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, pp. 101 -111.
- MENDONÇA, J. T.; MEXIA, P. (2014), *Verbo – Deus como Interrogação na Poesia Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PESSOA, F. (2005). *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PINA, M. A. *Dito em voz alta: entrevistas sobre literatura, isto é, sobre tudo*. Lisboa: Editora Sistema Solar.
- _____. *O coração pronto para o roubo: poemas escolhidos; seleção e posfácio de Leonardo Gandolfi*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- _____. (1978). *O país de pessoas de pernas para o ar*. Lisboa: A regra do jogo Edições.
- _____. (2012). *Todas as palavras: poesia reunida*. Lisboa: Assírio Alvim.
- RAMOS, I. N. A. (2004). “Confluências, divergências e singularidades”. In: *Ensaios de Literatura Comparada: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde*. (org.) Isaac Newton Almeida Ramos & Agnaldo Rodrigues. Cáceres-MT: Unemat Editora, 2004.
- RIBEIRO, A. M. R. (2009). Manuel António Pina: entrevista. Acessado em: 01/08/2022. Disponível em: <http://anabelamotaribeiro.pt/20326.html>. [Publicada originalmente na Revista Pública, em Abril de 2009]
- SARAIVA, A. (2012), “Uma Sombra Que Nos Ilumina”, *Revista de Estudos Ibéricos, Iberografias*, Centro de Estudos Ibéricos, nº 8, Ano VIII, pp. 106-112. Acessado em: 20/08/2022. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/120193877/Iberografias-8#scribd>.

SEGOLIN, F. (1989). “Caeiro e Nietzsche: Da Crítica da Linguagem à Anti-filosofia e à Antipoesia”. In: *Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos – Secção Brasileira*, vol.II. Vários autores, 2 vols. Porto, Fundação Eng. António de Almeida/Fundação Calouste Gulbenkian.